



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RASCH, Scheila Silva; GARCIA, Maria Lúcia Teixeira. Grupo de movimento para usuários de drogas: a experiência no CAPS Ad de Vitória. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

1

GRUPO DE MOVIMENTO PARA USUÁRIOS DE DROGAS: A EXPERIÊNCIA NO CAPS Ad DE VITÓRIA

**Scheila Silva Rasch
Maria Lúcia Teixeira Garcia**

RESUMO

Analisa o grupo de movimento como estratégia terapêutica para usuários de drogas. Utiliza enfoque qualitativo com entrevista semiestruturada, tendo como sujeitos do estudo os participantes do grupo de movimento realizado de novembro de 2002 a maio de 2003, no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas, da Prefeitura de Vitória. Traz a interpretação dos sujeitos sobre essa experiência como as sensações de vitalização e de relaxamento. Aponta o grupo de movimento como recurso terapêutico para esses usuários, resguardando a singularidade dessa clientela, por exemplo, a oferta de grupos abertos e não fechados.

Palavras-chave: Droga. Grupo de movimento. Política pública sobre álcool e outras drogas. Saúde coletiva.

INTRODUÇÃO

O grupo de movimento (GM) é uma atividade da prática neorreichiana ancorada nos pressupostos do pensamento reichiano, que tem como premissa fundamental a compreensão de que corpo e mente é uma unidade funcional e indissolúvel (REICH, 1986, 1989), seguindo concepções próprias do campo reichiano mediante os conceitos como couraça muscular, os 7 anéis, a direção da energia no corpo e a curva orgástica (SOFIATI, 1993).

O objetivo básico no GM é vivificar, desconstruir, movimentar, pulsar, desimpedir, vitalizar o corpo, favorecendo um processo de autoconhecimento e expressão corporal visando à mudança (SOFIATI, 1993). E, operacionalmente, o seu número de participantes é variável (8 a 12 participantes), podendo ser aplicável a qualquer clientela, resguardando-se a particularidades de cada um (crianças, idosos, adolescentes, adultos, hipertensos, dentre outros), podendo ser organizado semanalmente, com característica aberta ou fechada, com uma hora e meia a duas de duração por encontro, com tempo determinado ou não. Os recursos utilizados nos GMs são técnicas e exercícios da psicoterapia corporal e de outras escolas de trabalho com o corpo (GAMA; REGO, 1994).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RASCH, Scheila Silva; GARCIA, Maria Lúcia Teixeira. Grupo de movimento para usuários de drogas: a experiência no CAPS Ad de Vitória. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

2

Uma vez que a política de atenção integral ao uso de álcool e de outras drogas, do Ministério da Saúde (MS), aponta a necessidade de se produzir intervenções diferenciadas para usuários de drogas (UDs), dentro da lógica da redução de danos¹ (BRASIL, 2003) e, considerando a nossa experiência de trabalho nesse campo, realizamos um estudo² no qual nos propusemos a refletir sobre o GM como recurso terapêutico num Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS ad) (RASCH, 2005).

Este trabalho, assim, analisa a aplicabilidade do GM para os usuários de álcool e de outras drogas, como estratégia terapêutica, tendo como contexto o Centro de Prevenção e Tratamento de Toxicômanos (CPTT) - CAPS ad - da Prefeitura Municipal de Vitória.

MÉTODO

O estudo foi de caráter qualitativo (MINAYO, 1994), do tipo exploratório (TOBAR; YALOUR, 2001), tendo como cenário da pesquisa o CAPS ad/CPTT. Os sujeitos do estudo foram os participantes do GM, realizado de novembro de 2002 a maio de 2003, ao todo 54 sujeitos, ao longo de 15 encontros, tendo-se como critério de inclusão no estudo a voluntariedade, tendo-se como cuidados éticos o anonimato e o sigiloso, sendo os participantes identificados no corpo desse texto por fenômenos e elementos da natureza.

Dos 54 sujeitos que vivenciaram a experiência, excluímos nove, pois, no momento de testagem do roteiro de entrevista, observamos a sobreposição³ de informações sobre o processo de psicoterapia individual e participação no GM que realizavam, concomitantemente, essas atividades, sob nosso acompanhamento, ficando, assim, um grupo de 45 sujeitos para o levantamento

¹ A lógica da redução de danos representa uma estratégia operadora de interações múltiplas, havendo o reconhecimento da singularidade de cada usuário, traçando com ele estratégias voltadas não para a abstinência, mas aumentando o grau de liberdade e de corresponsabilidade daquele que está se tratando, implicando o estabelecimento de vínculo com os profissionais, que passam a ser corresponsáveis pelos caminhos a serem construídos pela vida do usuário (BRASIL, 2003).

² Pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Atenção à Saúde Coletiva (PPGASC), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

³ Essa evidência gerou o trabalho *O grupo de movimento sob a ótica do usuário de drogas: fragmentos de uma experiência* (RASCH; GARCIA, 2005), apresentado no X Congresso de Psicoterapia Corporal, em Curitiba, Paraná, no período de 26 a 28 de maio de 2005.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RASCH, Scheila Silva; GARCIA, Maria Lúcia Teixeira. Grupo de movimento para usuários de drogas: a experiência no CAPS Ad de Vitória. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

3

de dados nos prontuários. Desses 45 sujeitos, um recusou-se a participar do estudo. No processo de contato com esses participantes para a realização das entrevistas, conseguimos localizar 18 (quatro do sexo feminino e catorze sujeitos do sexo masculino).

Para coleta dos dados realizamos uma pesquisa documental em documentos institucionais visando a confecção dos dados que trouxessem o contexto no qual esses sujeitos se encontravam inseridos, bem como nos prontuários desses na instituição para nos apropriarmos de seus projetos terapêuticos, ou seja, as rotinas de participação desses usuários num CAPS ad. Outra forma de coleta dos dados foi a realização das entrevistas individuais semiestruturadas visando o levantamento de aspectos sobre a experiência de participação dos sujeitos nos GMs.

Para a análise dos dados, usamos a análise estatística descritiva (prontuários) e análise de discurso para os textos das entrevistas (ORLANDI, 2002). Essa análise buscou evidenciar os sentidos e significados que os sujeitos deram ao seu processo de participação no GM.

Deteremo-nos, a seguir, nos resultados relativos aos 18 entrevistados, enfocando o perfil desses usuários, bem como a vivência dos sujeitos quanto à participação nos GMs.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das quatro mulheres que compareceram duas eram usuárias de álcool, uma usava múltiplas drogas (fumo, cocaína, *crack* e álcool) e outra era usuária de álcool e declarava-se abstinente de cocaína há oito anos. As mulheres estavam na faixa etária, no início do tratamento, entre 28 e 45 anos (28, 32, 37 e 45 anos). Duas eram solteiras, uma separada e outra desquitada e todas com a experiência da maternidade, estando somente uma delas ainda em tratamento no CPTT. Dos 14 homens que compareceram, oito eram alcoolistas, quatro usuários de múltiplas drogas, um outro de álcool e cocaína e um de álcool e maconha. A idade, no início do tratamento, variava entre 21 e 54 anos, sendo quatro sujeitos casados, oito solteiros, um divorciado e um



separado. Seis sujeitos ainda se encontravam em tratamento no CPTT, enquanto oito deles já não estavam mais em tratamento.

A análise dos participantes sobre a experiência no GM destacou três aspectos: o objetivo do grupo, os movimentos realizados e os efeitos da vivência nessa atividade.

Quanto aos objetivos do GM, constatou-se que o sentido dado pelo entrevistado Relâmpago ao grupo pareceu confluir com o propósito do GM, representando um espaço de aproximação com as sensações e percepções corporais: “[...] ali o principal é que você trabalha você. [...] eu tô sentindo meu corpo, eu tô sentindo minhas pernas, meus braços, minha mente. Esse era, esse era o diferencial, que até então eu não sentia [...]”.

Outro objetivo do trabalho, a vitalização corporal, é perceptível no discurso de Furacão: “O corpo tava ruim [...] tava parado [...] Acabava o grupo de movimento conseguia movimentar [...] conseguia até jogar bola depois, ficava até boa as pernas, estica as pernas também [...]”. Relâmpago parece trazer a indicação de uma passagem de uma sensação de contração para a de expansão, bem como de vitalização corporal: “[...] parece que chegava carregado. [...] e, no final, o seu corpo parece que... ao invés de tá mais cansado devido os trabalho, ele estava muito mais aliviado [...], se pudesse eu ia fazer um estudo porque eu tenho vontade de saber como que pode uma coisa dessa. Você chegar mente e corpo cansado e sair muito mais aliviado [...]”.

Trovão parece destacar outro objetivo do GM que é o desbloqueio de tensões: “[...] chegava aquele corpo duro [...] e saía com o corpo quase molinho, rapaz [...] voando assim [...] pô, uma maravilha! [...]”. Por sua vez, Sol também parece evidenciar esse desbloqueio: “[...] às vezes tava com certos problemas lá fora, chegava tenso, às vezes é... Trêmulo, mas às vezes não era nem por causa do álcool, era por causa da tensão mesmo [...] E quando saía [...] já tava bem melhor, minha mente, meu corpo [...] certas dores musculares que eu senti, já melhoravam é... dor de cabeça tinha muito, já aliviava muito [...]”.

Quanto aos movimentos explorados, Lua se refere aos movimentos trabalhados: “[...] fechar os olhos [...] gritar: uuuuuuuuu... [...] eu achava o maior barato [...]”. Relâmpago parece se lembrar do movimento de *grounding*,



indicando a compreensão de uma das propostas básicas desse movimento, qual seja, a integração do corpo, conforme Lowen e Lowen (1985) nos sugerem quando nos exercitamos com esse movimento corporal: “[...] descia [...]. a cabeça [...] até próximo aos pés e balançava [...] quando você voltava parecia que [...] aquelas coisas pesadas [...] não tava mais em cima do seu corpo. Parecia [...] que ela tinha ficado lá aliviado [...]. Quando eu fazia aqueles movimento [...] eu queria ter, ter o contato do meu [...] fio de cabelo com o dedo do pé. [...] a partir que você faz um movimento desse [...] você parece ficar integrado [...]”.

Horizonte fala sobre o trabalho de contato ocular: “[...] A gente brincava, olhava um para o outro, olhava por química [...]. Olhar pra a cara do outro [...]. Era divertido demais [...]. Quando ele sentia essa química [...], ficava bem alegre, a gente ficava assim bastante feliz, no momento, porque você esquecia os problemas da vida [...]”.

Por sua vez, Céu parece apontar a lembrança os recursos utilizados: “[...] aqueles que [...] trazia bolas também é... massageava os pés [...] a parte também [...] da música também, quando a gente deitava e relaxava [...]”. Terra traz algumas lembranças dos recursos e o que isso lhe propiciava: “[...] das costas na bolinha, às vezes, as costas estavam fechadas, tipo assim, contraídas, os músculos contraídos, relaxava [...]”.

Estrela nos traz algumas metáforas sobre exercício-rola-vida: “[...] o que eu mais gostei foi de rolar. [...] eu me sentia livre rolando [...] e a minha vida, eu rolei de que jeito? Eu rolei errado [...] eu levei [...] esse exercício pra minha vida, porque a vida é um rolo, só que eu tenho que saber pra onde eu vou rolar, senão eu vou quebrar a cara de novo [...]”.

Os efeitos produzidos pelo trabalho foram diversos. Vento destaca a sensação que sentia ao partir do trabalho: “Leve, bastante leve. Solto [...] Achei relaxante: tanto fisicamente como espiritualmente [...] animador [...] saúde mental e física... Corpo são e mente são [...]”. Horizonte aponta os efeitos do trabalho: “[...] a gente relaxava o corpo [...] Os pensamentos assim... Longe... Viagem [...]. entrando naquele grupo [...] até a via respiratória, até o coração fica



mais aliviado, fica com [...] o fluxo bem melhor de poder de vida, passar o dia-a-dia [...].

Para Espectro, os efeitos remetem ao espaço do descanso e de entrega: *“[...] a gente chegava lá, relaxava o corpo [...]. Relaxamento do pensamento também. Eu tava com a cabeça... parecia [...] que ia explodir nervoso, até que fazer aquela terapia ali, ficava mais relaxado”.*

Já Terra expressa a produção de um efeito significativo na sua relação com o uso da substância psicoativa: *“[...] muitas vezes [...] um dia antes que tinha bebido, usado droga [...] depois que acabava o efeito, dava revolta. [...] o grupo fazia com que a gente [...] saía um pouco da tensão [...], sentia mais o corpo [...] porque a gente, com o efeito de álcool e droga, não se sente [...]”.* Fogo parece nos indicar a sua percepção corporal e a interferência causada na sua relação com o uso de droga, mesmo provisoriamente: *“[...] chegava cansado [...] ainda mais que eu sou fumante [...] saía bem, saía tranquilo [...] aí lá até esquecia [...] É. Do vício [...] depois voltava tudo de novo, mas no momento lá tava... a gente esquecia um pouco [...]”.*

Céu parece nos apontar novas formas de prazer com a experiência vivenciada: *“[...] eu percebia claramente que a gente pode ter muitas sensações boas, sem precisar de se drogar [...]”.* Estrela parece nos sugerir outra descoberta: *“[...] o relaxamento é tão bom que você, mesmo sem remédio, a gente relaxa sem sentir [...]”.*

O GM também foi percebido como espaço lúdico, de expressão, de suporte, de encontros e de integração também foi constatado. Água parece evidenciar a ludicidade do processo, podendo ganhar o espaço da expansão no voltar a ser criança: *“[...] eu ia rir muito [...] as brincadeiras que eles faziam na hora [...]. mas o que eu gostava [...] parece que a gente fazia em grupo [...] era legal porque ficava igual pato choco, ficar caçando [...] pra poder fazer o par [...]”.*

A possibilidade de expressão também é suscitada com o trabalho sonoro do grito, ressaltada por Espectro: *“Hã. Pedía para gritar: Haaaaaaa [...] Gritava... todo mundo gritava [...]. Gritar alto, gritar baixo, uns gritavam mais alto, outros gritavam mais baixinho... Pra que significa os gritos que eu não sei [...]”.*



Sentia só... a voz mais forte dentro de mim [...]”. Terra também aponta o GM como possibilidade de expressão, o que lhe garante uma liberação de tensão mediante a expressão do som: *“Para mim [...] eu achava bom porque, muitas das vezes, a gente quer desabafar e ali, no grupo [...] eu sentia um desabafo, tipo ali os gritos, as pessoas solta ali a voz ali, então, me senti bem [...]. Era um desabafo [...]*”. A expansão produzida em seu corpo também é trazida por Rio: *“[...] eu a primeira vez eu cheguei, fiquei acanhado [...]. Cambado de doido! Aí, daí a pouco, eu [...], sabe de uma coisa, eu vou entrar nessa coisa também. Aí, daí a pouco, era pra gritar era com nós mesmo, e nós gritava [...]*”.

Vento parece trazer uma significação do grupo como um lugar de suporte e contato com os exercícios que relembra: *“Apoiar no outro, alongar, isso eu me recordo [...]*”. Terra se reporta também a essa possibilidade: *“Do movimento que a gente encostava as costas um no outro que virava [...] segurar nas costas do outro [...] um levantar o outro [...]*”.

Furacão parece indicar o espaço como a possibilidade de encontros e de integração: *“Calor humano, pegava na mão, todo mundo dava a mão um no outro”*. Céu parece também destacar uma outra qualidade de integração: *“[...] nessa aula eu tomava um contato [...] com a totalidade do meu corpo [...]. Coisa que dificilmente alguém pára pra pensar no dia-a-dia [...]*”.

Horizonte enfatiza os benefícios do grupo para o UD e a possibilidade de interferência na relação estabelecida com a substância psicoativa: *“Faz parte do tratamento do dependente [...]. Aquela [...] uma hora e meia de trabalho é um trabalho que ele não está pensando em nada, só se está relaxando a mente e o corpo [...] porque, realmente, o usuário, quando ele não se relaxa, só fica pensando em maldade: pensar de usar, como vai usar, às vezes, ele não tem dinheiro, ele pensa em fazer bobagem, comprar, vender alguma coisa para usar, pra conseguir o dinheiro para droga[...]*”.

Furacão aponta uma diferenciação entre a atividade de GM e as demais ofertadas no CPTT: *“[...] As outras atividades são legal também [...]. São boas, mas funciona diferente [...]. Eu achei legal o Grupo de Movimento, diferente [...]*”. Terra demonstra também essa diferenciação e parece indicar a aplicabilidade para os usuários do CAPS ad: *“[...] do mesmo jeito que foi bom*



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RASCH, Scheila Silva; GARCIA, Maria Lúcia Teixeira. Grupo de movimento para usuários de drogas: a experiência no CAPS Ad de Vitória. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

8

para mim, eu queria que fosse pra outros que estão por aqui [...] têm outras opções, tipo as oficinas, mas o [...] grupo já reanima [...] achava que o grupo deveria continuar aqui porque é bom. É uma atividade que [...] melhora mais a vida de quem tá aqui [...]. Sol ressalta essa diferenciação por achar que a eficácia da atividade se encontra nos aspectos psicológicos: *“Às vezes era uma terapia melhor do que fosse uma oficina de cerâmica, de pintura [...]. Era uma válvula de escape [...] que pra mim tinha mais é... eficácia do que outro tipo de atividade [...] eu acho que ela trabalha mais o psicológico do que as outras atividades [...].”*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados demonstraram a aplicabilidade do GM como estratégia de intervenção terapêutica para UD's. O que singulariza essa aplicabilidade é, por exemplo, a oferta de grupos abertos e não fechados, principalmente quando demonstramos a flutuação de participação na atividade. Dessa forma, devemos não fazer a predeterminação do número de encontros para essa clientela *a priori*. O que parece adequado é trabalhar com cada sessão, como se fosse única, pois pensar em sessões seqüenciadas para essa clientela faz esbarrar em um dos desafios, que é o aspecto da adesão e a continuidade do tratamento.

A vitalização e o relaxamento vivenciados pelos participantes demonstraram um contraponto e a abertura de pequenos oásis em frente às experiências vivenciadas pelo uso do álcool ou de outras drogas que, no conjunto das outras ofertas terapêuticas no tratamento, podem proporcionar a esses sujeitos espaços de “tranqüilidade”, de desaceleração, capazes de ajudá-los num reposicionamento de suas histórias e padrões de consumo das substâncias psicoativas, quer seja na direção da abstinência, quer seja na direção da redução do consumo, escolhas a serem feitas por esse usuário e trabalhadas com a corresponsabilidade dos técnicos do serviço.

Com isso, sugerimos que essa experiência coadunou com a direção preconizada pela política dessa atenção, a lógica de redução de danos



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RASCH, Scheila Silva; GARCIA, Maria Lúcia Teixeira. Grupo de movimento para usuários de drogas: a experiência no CAPS Ad de Vitória. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

9

(BRASIL, 2003), que nos aponta a necessidade de produzir ofertas de trabalho para esses usuários, que possibilitem a abertura de brechas na relação entre a vinculação estabelecida pelo sujeito e a substância, buscando ou produzindo possibilidades de reflexão sobre essa vinculação.

Esperamos que as ponderações geradas por este estudo contribuíssem, no campo da prática corporal, para a reflexão do instrumental GM como dispositivo possível de intervenção terapêutica para UDs. No campo da política de atenção ao uso de álcool e de outras drogas, fica a geração de mais uma metodologia possível para esses usuários e a certeza, para nós, da geração de novas questões de estudo que possam abarcar uma linha de pesquisa para o seguimento na pós-graduação, em nível de doutorado.

.....

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Secretaria de Atenção à Saúde. Coordenação Nacional DST/AIDS. **A política do Ministério da Saúde para a atenção integral a usuários de álcool e outras drogas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

GAMA, Maria Ercília Rielli da; REGO, Ricardo Amaral. Grupos de movimento: consciência e expressão de si através do corpo. **Cadernos Reichianos**, São Paulo, n.1, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 4. ed. São Paulo: Pontes, 2002.

RASCH, Scheila Silva Rasch. **Viajantes em busca de saídas: o grupo de movimento como possível rota terapêutica para usuários de álcool e de outras drogas**. 2005. 299 f. Dissertação (Mestrado em Atenção à Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Atenção à Saúde Coletiva, Centro Biomédico, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2005.

_____. ; GARCIA, Maria Lúcia Teixeira. O grupo de movimento sob a ótica do usuário de drogas: fragmentos de uma experiência. Trabalho apresentado no V Congresso Brasileiro e X Encontro Paranaense de Psicoterapias Corporais, Curitiba, 2005.

REICH, Wilhelm. **Análise do caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RASCH, Scheila Silva; GARCIA, Maria Lúcia Teixeira. Grupo de movimento para usuários de drogas: a experiência no CAPS Ad de Vitória. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

10

_____. **A função do orgasmo**. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

TOBAR, Federico; YALOUR, Margot Romeno. **Como fazer teses em saúde pública...** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

.....

AUTORAS

Scheila Silva Rasch – Psicóloga, CRP16/422; especialista em Psicologia Clínica; psicoterapeuta corporal; CBT em Análise Bioenergética; mestre em Saúde Coletiva pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFES; membro da Equipe Técnica do CAPS Ad, Prefeitura de Vitória.

E-mail: scheilarasch@gmail.com

Maria Lúcia Teixeira Garcia - Doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo; professora do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Política Social da UFES, com atuação nas temáticas: política pública, política social, alcoolismo, política social e dependência química. Pesquisadora em Política de Saúde, Políticas Públicas, Políticas Sociais Setoriais e Projetos Sociais.

E-mail: lucia-garcia@uol.com.br

